

SÃO DOMINGOS, ETC.

Rubem Braga

O que está acontecendo em São Domingos é o inevitável: a presença de nossos soldados é motivo de desgosto da população, e isso gera incidentes que por sua vez tornam essa presença cada vez mais desagradável. Não estou acusando o comando de nosso contingente, nem muito menos os oficiais e soldados. Mesmo que todos eles se portassem como finíssimos diplomatas e procedessem como anjos — o que não é humanamente lícito esperar — sua presença depois de algum tempo seria antipática e, depois de mais algum tempo, odiosa. Esta é a história de tropas de ocupação em todos os países e em todas as épocas.

Mesmo nos casos em que essas tropas são recebidas com alegria e entusiasmo pela massa da população — o que positivamente não aconteceu na República Dominicana —, os visitantes, depois de algum tempo, começam, como dizem os italianos, a *puzzare*, a cheirar mal. Apenas pequenos setores — e os menos dignos — da população local cooperam com os intrusos. Imagine o leitor uma tropa de qualquer país amigo acampada, sob qualquer pretexto, durante meses, no centro do Rio ou de qualquer outra cidade brasileira e sentirá que, por mais bem comportados que fossem os soldados, eles acabariam execrados pela população. Visitas, de um modo geral, cansam. Visitas de homens armados e não convidados humilham e revoltam.

Foi um erro mandar tropas para São Domingos. Mas não adianta chorar sobre erros. O que há a fazer é mandar voltar esses homens o mais rapidamente possível e procurar por todos os meios agir, junto à opinião pública de São Domingos, no sentido de atenuar as consequências desse erro. Fizemos, aos olhos de todo o mundo, um papelão; quanto mais depressa se reconhecer isso, melhor.

No setor interno, e apesar dos protestos de amor à Democracia, continuam os poderosos do momento a dar exemplos pouco edificantes.

No Maranhão o jornalista Márcio Moreira Alves é preso de maneira ilegal pelo comandante de um Batalhão de Caçadores; no Rio nega-se a outro jornalista, Osvaldo Peralva, superintendente do "Correio da Manhã", o direito de viajar para o exterior. Márcio falara, na televisão, a favor do candidato da oposição, Renato Archer. E Peralva não pode sair do Brasil no momento porque o coronel Ferdinando, chefe do interminável IPM, sobre o Partido Comunista, resolvera arrolá-lo como testemunha, o que, aliás, ele ignorava. Quando sentiu a demora excessiva na Polícia, Peralva foi ao Itamarati que, por uma praxe antiga, concede a jornalistas passaporte especial; o que ele não sabia é que hoje no Itamarati não se move uma palha sem consultar antes o SNI do general Golberi, humilhação que lamentamente ter-se instituído na gestão do sr. Vasco Leitão da Cunha.

Perguntará o leitor se Peralva é comunista. Que fosse, isso não lhe tiraria o direito constitucional de sair do país. Mas Peralva é exatamente o autor de "O Retrato" em que conta sua dolorosa experiência como dirigente comunista; e autor também de "Pequena História do Mundo Comunista", a melhor reportagem histórica feita em português sobre a evolução do comunismo desde Marx aos nossos dias. O que se faz, portanto, é ao mesmo tempo uma arbitrariedade e uma tolice...

23.9.65